



Era uma coisa simples, sem grande coerência — o esforço de um simples marinheiro, tentando escrever um diário após as ocorrências —, procurando lembrar-se, pouco a pouco, dessa última e terrível viagem. Seria impossível transcrevê-lo literalmente com toda a sua obscuridade e redundância, mas irei referir o essencial, o suficiente para mostrar por que razão o som da água contra o casco da embarcação se tornou tão insuportável ao ponto de eu ter tapado os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia bem de tudo, embora tivesse visto a cidade e a Coisa. Eu, porém, nunca mais dormirei sossegado, enquanto pensar nos horrores que espreitam incessantemente por detrás da vida, através do tempo e do espaço, ou nessas blasfêmias profanas vindas das estrelas mais antigas e que sonham agora debaixo do mar, conhecidas e auxiliadas por um culto de pesadelo, pronto e ansioso para as libertar sobre o mundo, assim que outro tremor de terra exponha novamente a sua monstruosa cidade de pedra ao Sol e ao ar.

A viagem de Johansen começara precisamente como ele a contara no Vice-Almirantado. O *Emma*, em lastro, deixara o porto de Auckland a 20 de Fevereiro e sentira a plena força dessa tempestade de origem sísmica que deverá ter erguido do fundo do mar os horrores que preenchiam os sonhos dos homens. De novo sob controlo, a embarcação fazia bons progressos até ser detida pelo *Alert* no dia 22 de Março. Consegui sentir o arrependimento do imediato enquanto este escrevia sobre o seu bombardeamento e afundamento. Os demónios de pele escura, pertencentes ao culto, que vinham no *Alert* são mencionados com um horror significativo. Havia neles algo particularmente abominável, o que fez com que a sua destruição se tornasse quase um dever, e Johansen mostrou uma admiração ingênua perante as acusações de crueldade intentadas contra o seu grupo durante as deliberações da Comissão de Inquérito.

Depois, movidos pela curiosidade, a bordo do iate capturado e sob o comando de Johansen, os homens avistaram um grande pilar de pedra que se erguia acima do mar.





O vapor não se tinha esvanecido por completo, apesar da partida de todos os marinheiros em direcção à margem. Bastaram uns instantes de correria febril para cima e para baixo, entre o leme e os motores, para pôr o *Alert* em curso. Lentamente, passando pelos horrores distorcidos dessa cena indiscreto, o barco começou a agitar as águas mortíferas; enquanto na alvenaria daquela margem de ossário que não pertencia à Terra, o Ser titânico vindo das estrelas, se babava e gritava loucamente como Polifemo, amaldiçoando a nau em fuga de Ulisses.

Então, mais corajoso que os lendários ciclopes, o grande Cthulhu deslizou gordurosamente para dentro de água e iniciou uma perseguição com grandes braçadas ondulatórias de potência cósmica.

Briden olhou para trás e enlouqueceu, começou a rir-se freneticamente e assim continuou, com alguns intervalos, até que a morte o encontrou uma noite na cabina, enquanto Johansen vagueava de um modo delirante.